



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Drummond e Machado

No poema *A um bruxo, com amor*, Carlos Drummond de Andrade faz uma homenagem pungente a Machado de Assis: “Outros da vida leram um capítulo, tu leste o livro inteiro”. A poesia de Drummond começou construída em linguagem coloquial e terminou em tom classicizante. Drummond parecia um Machado mais poroso, mais compassivo e mais humano.

Mas nem sempre houve sintonia entre os dois bruxos, o mineiro de Itabira e o carioca do Cosme Velho. A relação

entre Drummond e Machado foi tensa, contraditória, crítica e rica em matizes. No ápice do modernismo, Drummond desancou o escritor carioca como um entrave à renovação das letras nacionais.

Em 1925, quando tinha 22 anos, o poeta mineiro escreveu no artigo intitulado *Sobre a tradição em literatura*: “Uma lamentável confusão faz com que julguemos toda novidade malsã, e toda velharia saudável. Esse conceito equipara as obras literárias aos xaropes e outros produtos farmacêuticos: quanto mais tempo de uso, mais recomendáveis...”

A relação complexa entre os dois grandes escritores é reconstituída no livro *Escritos de Carlos Drummond de Andrade sobre Machado de Assis*, organizado pelo professor Hélio de Seixas

Guimarães. O poeta de Itabira argumenta que o combate ao passado é condição essencial para a inovação: “Temos, pois, mais que o direito de desrespeitar essa falsa tradição: temos o imperioso dever”, sustenta o poeta.

Não para aí: “E só assim faremos dessa matéria morta e pegajosa dos séculos uma argila dútil que sirva às nossas criações. Será mantendo essa independência espiritual, talvez ingenuamente feroz, mas francamente construtiva, que reataremos o fio tantas vezes perdido do classicismo. Os nossos avós inteligentes não desejariam de nós outra coisa. Copiá-los é o mesmo que injuriá-los”.

Drummond admite a admiração pelo autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. No entanto, pondera que esse

apreço deve ser sacrificado em benefício da revitalização da cultura: “Amo tal escritor patrício do século 19, pela magia irreprimível de seu estilo e pela genuína aristocracia de seu pensamento. Mas se considerar que este escritor é um desvio na orientação que deve seguir a mentalidade de meu país, para a qual um bom estilo é o mais vicioso dos dons, e a aristocracia um refinamento ainda impossível e indesejável, o que fazer? A resposta é clara e reta: repudiá-lo. Chamemos este escritor pelo nome: é Machado de Assis”.

A leitura de artigos, crônicas e enquetes, em ordem cronológica, revela uma mudança de perspectiva radical, que atinge o ápice três décadas depois com o poema *A um bruxo com amor*, em que

Drummond reverencia Machado, com todas as letras. Inclusive com a colagem de textos machadianos.

O poeta itabirano havia lançado o desafio a Machado, se ele resistiria ao tempo e se consolidaria efetivamente na condição de clássico. E o próprio Drummond parece responder ao repeto em crônica sobre uma exposição comemorativa a Machado de Assis: “Ali está um mundo de criação silenciosa, um exemplo severo e singelo de dissolução da pequenez humana na grandeza intemporal da obra literária. O velhinho gago e burocrata é hoje um universo de símbolos, palavras e achados artísticos, que poder nenhum saberia cassar. Nosso país ficou mais opulento, à custa desse funcionário pobre”.

» Podcast do Correio | ADALGIZA AGUIAR | PROMOTORA DE JUSTIÇA DO MPDFT

Representante do Ministério Público disse que o ciclo de agressões inicia no ambiente doméstico, quando o companheiro pratica atos de intimidação, agressões psicológicas e constrangimentos, e ressaltou a importância da denúncia

“A violência começa com o silêncio”

» HENRIQUE SUCENA*

A escalada da violência contra as mulheres foi tema do Podcast do Correio desta quinta-feira (3/4). Em conversa com as jornalistas Mariana Niederauer e Sibeles Negromonte, Adalgiza Aguiar, promotora de Justiça do Ministério Público do DF e Territórios e coordenadora do Núcleo de Gênero do MPDFT, comentou sobre o crescimento do número de casos de violência de gênero, a importância da denúncia e medidas adotadas pela justiça brasileira para combater esse crime.

Esses casos de feminicídio, geralmente, ocorrem no âmbito familiar. Como é esse trabalho educacional para que a mulher tenha coragem de denunciar e saiba que há mecanismos de proteção do Estado?

A casa é o espaço mais inseguro para a mulher. As pesquisas indicam isso, a maioria desses feminicídios ocorre dentro da residência. A gente diz que a violência normalmente não começa com um tapa, ela começa com silêncio. A violência começa quando o companheiro pratica atos de intimidação, agressões psicológicas e constrangimentos. A mulher se cala, muitas vezes para aceitar, naquela concepção de manutenção da família, e essa violência vai se agravando. Aí, começam os tapas, violências psicológicas mais graves, até, infelizmente, muitas vezes, escalar para um feminicídio. Por isso que a gente diz que é uma morte evitável, porque ela vem sendo anunciada desde as primeiras intimidações até essas agressões mais fatais. Nós precisamos



Aposte a câmera do celular para o QR Code e veja a entrevista completa

pensar sempre na conscientização das mulheres em relação a esse ciclo de violência e o quanto ele pode se agravar até chegar a uma situação de feminicídio. É preciso não achar que aquele tratamento, que muitas vezes está se tornando mais violento, é normal, é natural.

Existem dados que mostrem que denunciar realmente evita o feminicídio?

Os dados da Secretaria de Segurança Pública contabilizam que, dos feminicídios que ocorreram, desde a previsão do feminicídio no Código Penal de 2015, até 2025, 68,9% das mulheres que morreram nunca tinham registrado uma ocorrência. Então, a

maioria não chegou nem ao conhecimento do sistema de Justiça e das forças de segurança. É a minoria que alguma vez já tinha denunciado. Mas se existe uma minoria que buscou o sistema de Justiça e que ainda assim aconteceu o feminicídio, nós precisamos reconhecer que tem, sim, falhas no sistema de justiça, nas forças de segurança, que nós precisamos corrigir. Eu sempre costumo falar que as medidas protetivas salvam vidas, e as mulheres precisam procurar essa ajuda, principalmente porque o sistema de Justiça e as forças de segurança têm tentado aperfeiçoar as formas de proteção.

Educar os homens que tenham cometido agressões surte efeito?

No âmbito do Distrito Federal, nós temos o Espaço Acolher, que é um equipamento ligado

à Secretaria da Mulher que traz essa questão dos grupos reflexivos. Não é um tratamento psicológico, mas serve para trabalhar com os homens essa questão da masculinidade e mostrá-los, numa perspectiva educacional, que controle, ciúmes, manipulação e isolamento não são manifestações de amor, mas manifestações de violência. As pesquisas indicam que os homens que frequentam esses grupos reflexivos não voltam a cometer violências domésticas. É muito interessante porque aqui há uma reflexão. Quando os homens refletem, a gente chama de intervenção terciária. Alguns homens cometem crimes como lesão corporal, ameaças, injúrias, e no âmbito do processo o promotor de justiça pede aos juízes que encaminhem para um grupo reflexivo como o Espaço Acolher, e eles passam a não mais ser reincidentes. Assim,

aquela situação que era uma lesão corporal não vai progredir para uma tentativa ou até mesmo um feminicídio.

O número de casos aumentou mesmo ou as pessoas só estão mais atentas a eles?

A única certeza que nós temos é que aumentaram os registros, mas a gente sabe que a subnotificação é, e sempre foi, muito alta. A gente sabe que antes era ainda mais difícil. A gente sabe que aumentou os registros e, com isso, a gente pode contar que está acontecendo uma maior conscientização da nossa sociedade de que as mulheres precisam denunciar. Todos nós operadores do direito e também a mídia e as comunidades têm alertado para a necessidade de denunciar. Mas a gente acredita, também, que as comunidades de ódio, tanto no âmbito virtual, como na sociedade, nos

espaços políticos e sociais, a gente infelizmente ainda vê um crescimento de ódio a pessoas vulneráveis e dentre elas as mulheres, o que chamamos de misoginia. Isso tem nos preocupado, e a gente precisa estudar mais se essa misoginia que está acontecendo de forma crescente, tem também contribuído para aumentar os índices de violência contra a mulher.

Qual tem sido o impacto do pacote anti-feminicídio, que endureceu as penas no ano passado?

Mas o pacote de feminicídio tem pontos positivos. Por exemplo, aumentou a pena do crime de feminicídio e tornou esse crime autônomo. Quando acontece um feminicídio, a pior situação já aconteceu. Então, é preciso uma reprimenda mais severa, até para fins pedagógicos, para mostrar à sociedade que realmente houve ali a morte de uma mulher, que em sua maioria deixa filhos. Ter aumentado a pena e ter tornado esse crime autônomo traz alguns pontos importantes. Por exemplo, não vai se pensar mais no feminicídio como uma situação privilegiada pela violenta emoção. Agora, o feminicídio é um crime autônomo, e não mais como uma qualificadora do homicídio. A gente consegue construir números, quantos casos de homicídio, quantos casos de feminicídio, quais são os dados, e os dados são importantes para a gente pensar em políticas públicas. Então, tem pontos importantes sim, mas o pacote de feminicídio trouxe aumentos de penas em vários crimes.

*** Estagiário sob supervisão de Márcia Machado**

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 3 de abril de 2025

» Campo da Esperança

Antônio Francisco de Albuquerque Cavalcante, 82 anos
Carmen Valença de Melo, 85 anos
Cícero da Silva Nunes, 59 anos
Deijanira Olímpia de Lima, 84 anos
Denise Maria da Silva, 66 anos
Elias Vieira, 66 anos
Evanderlan Dias Gonçalves, 74 anos
Francilene Santana Batista, 46 anos
Joana Darc da Silva, 84 anos
José Gomes da Silva Júnior, 66 anos
Maria da Penha Soares Ferreira, 86 anos
Maria do Perpétuo Socorro Araújo Cunha, 86 anos
Maria Judith Paiva Dias, 88 anos
Maria Luiza Pereira de Medeiros, 89 anos

Milton Almeida Soares da Silva, 88 anos
Rosângela Aires de Oliveira, 62 anos
Sheila de Almeida Rodrigues Beserra, 48 anos
Therezinha Fonseca da Silveira, 98 anos

» Taguatinga

Artur Fiuza da Silva Arantes, 52 anos
Aureliana Carvalho da Silva, 92 anos
Caio Samuel Lorenço Amorim, 20 anos
Edna de Sousa Barros, 59 anos
Honorata Barbosa de Jesus, 75 anos
Iris Vargas, 57 anos
Ivonele Adalgisa Firmino, 83 anos
Marcelo Matos Cláudio, 59 anos
Maria Aparecida Elias Ventura, 59 anos

Maria Pereira Rocha, 77 anos
Miguel Fernandes Landim, Menos de 1 ano
Gabriela Mendes Nunes, Menos de 1 ano
Rafael Nery de Araújo, Menos de 1 ano
Sebastiana Muniz dos Santos, 81 anos
Senhora Cardoso de Paiva, 85 anos

» Gama

Izidro Xavier de Sousa, 71 anos
Lina Carvalho da Silva Simeão, 75 anos
Nercina de Azevedo Santos, 69 anos
Ravi Lucca Monteiro de Souza, Menos de 1 ano
Planaltina Walter Araújo Da Silva, 44 anos

» Brazlândia

Antônio Carlos Miranda

Pereira, 49 anos
Miguel Araújo Gonçalves dos Reis, Menos de 1 ano
Miguel Ferreira Oliveira, Menos de 1 ano

» Sobradinho

Gildete Barbosa de Sousa, 62 anos

Maria Rita Marinho da Silva, 93 anos

» Jardim Metropolitano

Bianca Batista de Souza, 26 anos (Cremação)
Ernani José da Costa, 73 anos (Cremação)
João Carlos da Silva, 63 anos

Marcos Jacob Lopes Alves, 64 anos
Maria Bonfim Sousa Melo, 62 anos
Maycoln Renato de Paula Arnold, 45 anos
Valdecy Pereira Serafim, 57 anos (Cremação)
Victor Manuel Mora Mesen, 59 anos (Cremação)

MISSA DE 7º DIA

Dr. FRANCISCO PINHEIRO ROCHA

★ 05.07.1929 † 29.03.2025

Filhos, netos, genro e noras convidam para a **Missa de 7º dia em memória** de seu amado pai, avô e sogro a ser realizada no dia **4 de abril de 2025, às 19 horas, na Paróquia São Camilo de Lellis, EQS 303/304.**